



URUTAU: NARRATIVAS VISUAIS E ESTÉTICAS DECOLONIAIS DO FEMININO NA VIDEODANÇA

Ferraz, Jasmim; Mestranda; Universidade Federal de Ouro Preto, jasmim.fbp@aluna.ufop.edu.br
Dulci, Luciana; Doutora, Universidade Federal de Ouro Preto, luciana.dulci@ufop.edu.br
Grupo de Pesquisa CNPq Imagens no Vazio: escrita e teatralidades

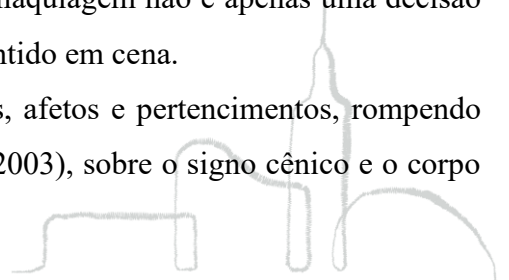
RESUMO

A produção estética na dança tem sido, historicamente, guiada por referências eurocêntricas que moldam padrões de beleza, movimento, figurino e narrativa. Mesmo em propostas contemporâneas, persiste uma hierarquia estética marcada por preferências minimalistas, influenciadas pela escola vanguardista Bauhaus. Embora válidas como escolha artística, essas estéticas, quando adotadas sem criticidade, silenciam outras formas de expressão – sobretudo aquelas oriundas de culturas não hegemônicas.

Diante disso, torna-se urgente refletir sobre como trajes, maquiagem e adornos podem atuar como linguagem estética potente na construção de uma cena decolonial. A valorização do maximalismo – com uso intencional de cores intensas, ornamentos, brilhos, texturas e referências às tradições culturais latino-americanas configura-se como gesto político de insurgência criativa e afirmação identitária, uma vez que desafia a neutralidade estética – que parece não escolher um lado, uma perspectiva mas, a enunciada neutralidade, é um posicionamento político.

Partindo da premissa de que toda estética carrega significados simbólicos, políticos e ideológicos, esta pesquisa assume que nenhuma escolha visual é neutra. Na perspectiva de Rancière (apud Teixeira, 2022), a política da estética define quem pode ser visto, ouvido ou representado, organizando modos de percepção e partilhas do sensível. Assim, reconhecer o papel central do figurino e da maquiagem não é apenas uma decisão estilística, mas um gesto político que reconfigura o que pode ser visto e sentido em cena.

Mais do que adornar, esses elementos visuais carregam memórias, afetos e pertencimentos, rompendo com a lógica eurocentrada e normatizadora. Com base em Patrice Pavis (2003), sobre o signo cênico e o corpo





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

expandido, e Maria Lugones (2014), com sua crítica à colonialidade de gênero, este trabalho propõe analisar 2 maquiagem e figurino como forças expressivas e políticas nas artes do corpo, tensionando saberes coloniais e suas relações com estética e gênero.

Como desdobramento prático, propõe-se a videodança Urutau, inspirada na lenda indígena do pássaro que, segundo a cultura popular, representa uma mulher transformada em ave após perder seu amor, entoando um canto de lamento eterno. A narrativa colonial, porém, atribuiu a essa figura um caráter negativo. Em uma abordagem decolonial, a obra ressignifica o Urutau como símbolo feminino de força, resistência e ressurreição. Nessa criação, maquiagem e figurino não são adereços, mas elementos estruturantes de uma linguagem estética, política e afetiva que inscreve o corpo da mulher latino-americana.

Assim, mais do que representar uma estética decolonial, busca-se construir uma obra que valorize a imagem da mulher e suas simbologias. Os trajes e adornos ganham protagonismo como dispositivos narrativos e identitários, apoiando-se na metodologia cartográfica como caminho investigativo. Urutau se estrutura por cenas interligadas que afirmam a potência estética da mulher latina por meio de uma visualidade maximalista. A proposta reforça que toda estética, inclusive nas artes, pode ser instrumento político e social — capaz de excluir ou visibilizar culturas, apagar histórias ou exaltá-las.

Palavras – chaves: trajes de cena, dança, decolonialidade

Bibliografia:

Lugones, M. (2014). *Rumo a um feminismo descolonial*. *Estudos Feministas*, 22(3), 935–952.

Pavis, Patrice. *A análise dos espetáculos: teatro, mímica, dança e cinema*. Tradução de J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. Coleção Estudos. São Paulo: Perspectiva, 2003.

Teixeira, M. A. (2022). *Arte e política: a “partilha do sensível” em Jacques Rancière* (Dissertação de mestrado). Universidade de Brasília. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/44721>. Acesso em: 25 de junho de 2025.

